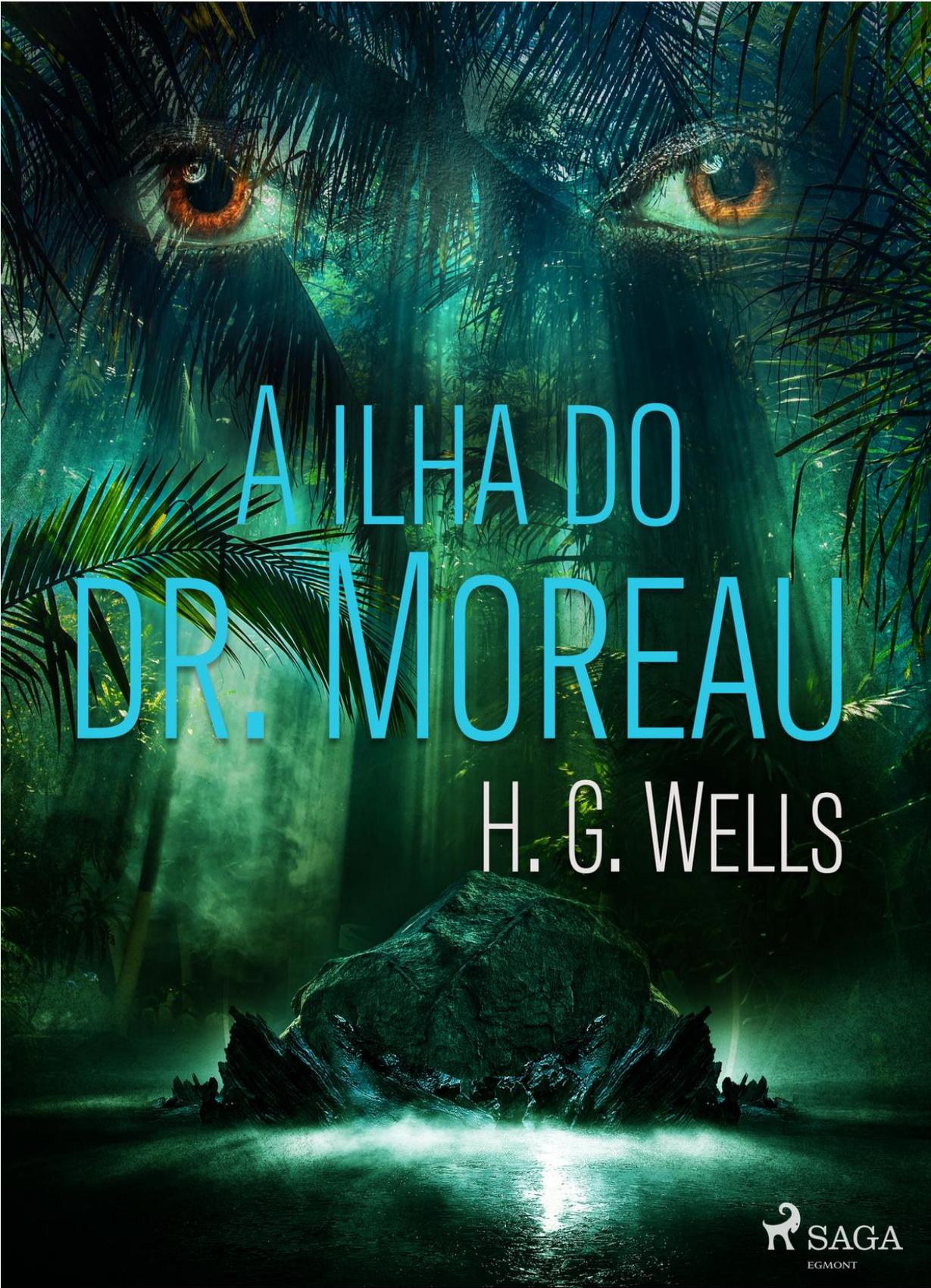


A ILHA DO DR. MOREAU

H. G. WELLS



A ILHA DO DR. MOREAU

H. G. WELLS

 SAGA
EGMONT

H. G. Wells

A ilha do dr. Moreau

SAGA Egmont

A ilha do dr. Moreau

Translated by Monteiro Lobato

Original title: *The Island of Doctor Moreau*

Original language: English

Os personagens e a linguagem usados nesta obra não refletem a opinião da editora. A obra é publicada enquanto documento histórico que descreve as percepções humanas vigentes no momento de sua escrita.

Cover image: Shutterstock

Copyright © 1896, 2021 SAGA Egmont

All rights reserved

ISBN: 9788726621518

1st ebook edition

Format: EPUB 3.0

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means without the prior written permission of the publisher, nor, be otherwise circulated in any form of binding or cover other than in which it is published and without a similar condition being imposed on the subsequent purchaser.

This work is republished as a historical document. It contains contemporary use of language.

www.sagaegmont.com

Saga Egmont - a part of Egmont, www.egmont.com

H. G. Wells (1866-1946) era filho de um modesto lojista. Não conseguindo estabelecer-se como comerciante, dedicou-se ao magistério numa escola secundária. Aos 18 anos, obteve uma bolsa de estudos que lhe permitiu cursar Ciências com o famoso Thomas Huxley. Formou-se em Londres em 1888, tornando-se professor de ciências. Em 1893, abandonou o magistério para escrever. Como escritor exerceu grande influência, principalmente sobre os jovens.

“A ILHA DO DR. MOREAU” não é apenas a história de um cientista alienado, criador de monstros e vítima de sua própria fúria investigadora. É, acima disso, uma expressão angustiante do antagonismo entre a pesquisa científica que repele qualquer entrave e a ordem moral, ou seja, a ordem da consciência, que não abdica de seus imperativos racionais.

H. G. Wells

Filho de pais modestos, nasceu em Bromley (Kent), Inglaterra, e faleceu em Londres. Foi sociólogo, historiador e grande escritor de science fiction. Estudou no Royal College of Science de South Kensington e formou-se em Biologia pela Universidade de Londres. Seu primeiro livro foi publicado com o título "Select Conversations With an Uncle" e como novelista iniciou-se com "The Time Machine", de imediato sucesso. Explorou todo o campo científico e foi, juntamente com Júlio Verne, o pioneiro da narrativa de ficção. Depois, interessando-se pelo conflito das classes sociais, se propôs a reformador e profeta, numa tentativa de "salvar a humanidade". Socialista sem ser marxista, resume sua ideologia na luta do homem contra a natureza e conseqüentemente contra si mesmo. Impressionantes por seu realismo e grande precisão, suas obras se fundem num misto de romance, crônica e polêmica. Suas obras principais são: A Máquina do Tempo, A Guerra dos Mundos, O Homem Invisível, A Ilha do Dr. Moreau, Tomo-Bungay, Socialismo e Casamento e A Ciência da Vida.

A Ilha do Dr. Moreau

COLEÇÃO ELEFANTE

Escritores modernos

ES-1890 A Casa dos Quatro Ventos

SL-1921 Animais das Selvas que Conheci

ES-1922 Animais das Selvas que Conheci (Outras Histórias)

ES-1933 Os Vinté e um Balões

ES-1936 Vermelhão

CP-1960 O Leão

SL-2026 A Menina e as Águias

SL-4106 Dois Olhos Dentro da Noite

SL-4203 O Homem da Capa Preta

SL-4306 O Navio Mal-Assombrado

ES-2022 Um Certo Curtis Rhodes

SL-1637 O Contrabandista Intocável

Ficção científica

SL-1593 O Planeta Kalgar

ES-1880 Uma Dobra no Tempo

SL-4104 Uma Outra Terra

SL-4107 Os Dentes Brancos da Fome

SL-2045 Sabotagem no Planeta Vermelho

ES-1604 As Maravilhas do Ano 2000

H. G. Wells

CP-2047 O Homem Invisível — Tradução de Monteiro
Lobato

ES-2046 A Ilha do Dr. Moreau — Tradução de Monteiro
Lobato

SL-1692 A Máquina do Tempo — Texto de Paulo Mendes
Campos

Allan Poe

SL-1939 7 de Allan Poe (Contos)

ES-1963 11 de Allan Poe (Contos)

ES-1854 O Passageiro Clandestino (Gordon Pyn)

No escaler do “lady vain”

NÃO me proponho a acrescentar qualquer coisa ao que já se sabe sobre a perda do “Lady Vain”. Esse navio colidiu com um casco flutuante dez dias depois de haver partido de Calao. Um escaler com sete homens da tripulação, dezoito dias após o desastre, foi acostado pelo “Myrtle”, da esquadra britânica, e a história das privações passadas tornou-se logo tão conhecida como a da famosa jangada do “Medusa”. Tenho eu agora de juntar ao que já foi publicado sobre o “Lady Vain” um caso igualmente terrível e muito mais estranho. A suposição geral de que os quatro homens do escaler hajam perecido, não é certa. Posso assegurá-lo, visto que sou um deles.

Em primeiro lugar, devo dizer que nesse escaler nunca estiveram quatro homens, e sim três. Constans, que “pelo capitão foi visto projetar-se para dentro do escaler (“Daily News”, 17 de março de 1887)”, com muita felicidade para nós, e muita infelicidade para ele, enganchou-se no emaranhado de cordas dos estais do gurupés, ficou por uns momentos pendurado de cabeça para baixo e depois caiu nágua de muito mau jeito, rebentando a cabeça num tronco de mastro flutuante; quando o recolhemos estava já moribundo.

Digo felizmente para nós porque estávamos com muito pouca reserva de água e biscoitos, tão repentino fora o alarma e tão mal preparado para qualquer desastre se achava o navio. Julgamos a princípio que os náufragos

abrigados na jangada se encontrassem mais bem providos (hoje sei que a situação era a mesma) e experimentamos chegar à falá. Não nos ouviram, e na manhã seguinte, quando lá pelo meio-dia o nevoeiro se dissipou, nada mais avistamos. Não nos podíamos manter de pé para espiar ao longe, em conseqüência do excessivo jogo do bote. O mar estava agitadíssimo e todo o nosso esforço mal dava para manter a embarcação em equilíbrio. Os outros dois homens que comigo lá se achavam eram um tal Helmar, passageiro como eu, e um marinheiro cujo nome perdi, homenzinho atarracado e gago.

Por oito dias derivamos ao sabor das ondas, famintos e atormentados pelos horrores da sede. No terceiro dia o mar foi amainando até tornar-se um espelho. É de todo impossível para o leitor fazer idéia do que foram esses oito dias, a não ser que haja passado por emergência semelhante. A partir do primeiro dia pouco tínhamos a dizer um ao outro; quedávamo-nos em nossos lugares no bote, com a vista a sondar os horizontes ou a fixar-se nos olhos cheios de pavor e cada vez mais arregalados dos companheiros. O sol fizera-se impiedoso. No quarto dia ficamos sem água e nossos cérebros entraram a desvairar, com os estranhos desvarios a se refletirem nos olhos; e creio que foi no sexto que Helmar se abriu, dizendo o que tinha na cabeça. Lembro-me das nossas vozes, secas e fracas, e que para melhor poupar palavras inclinávamos o corpo na direção do interlocutor. Com toda a energia declarei-me contra a sua idéia, preferindo antes furar o bote para que perecêssemos todos juntos nas goelas dos tubarões que nos rodeavam; mas quando Helmar frisou que caso sua proposta fosse aceita teríamos água, o marinheiro gago se pôs do lado dele.

Desde esse momento ficaram ligados, e durante a noite o gago cochichava com Helmar a espaços, enquanto na proa

eu me mantinha em guarda, de faca em punho, embora incerto de que houvesse em mim força para a luta. Pela manhã também eu aceitei a idéia de Helmar e tomamos uma moeda de meio pêni para tirar a sorte.

A sorte não favoreceu o marinheiro, o qual, como o mais forte, não lhe aceitou o veredicto e lançou-se contra Helmar. Atracaram-se. Eu arrastei-me para lá com a idéia de agarrar o marinheiro pela perna, mas não cheguei a tempo; como na luta se houvessem posto de pé, perderam o equilíbrio e lá se foram atracados para o mar. Afundaram como pedras. Lembro-me que me ri e depois me admirei de ter rido. O riso empolgara-me como algo vindo de fora.

Fiquei deitado no fundo do bote não sei por quanto tempo, meditando se teria coragem para beber água marinha e assim enlouquecer e morrer mais depressa. Estava nessa situação quando meus olhos viram, sem maior interesse do que se estivessem vendo uma pintura, uma vela que crescia em minha direção. Lembro-me como minha cabeça jogava aos movimentos do mar e como o horizonte e a vela dançavam ao longe. Também me lembro de que estava persuadido da minha morte e considerava simples brincadeira macabra vir vindo aquela vela apanhar meu cadáver.

Por um período que me pareceu de séculos ali fiquei deitado a acompanhar com os olhos a dança do horizonte e da vela, uma pequena escuna de marcha extremamente morosa porque não havia vento. Nem por um só momento me passou pela cabeça a lembrança de fazer algo que lhe atraísse a atenção, e de nada mais me lembro daí por diante, exceto que quando dei acordo de mim me achava numa cabina de proa. Tenho uma vaga lembrança de ter sido levado a um passadiço onde se curvou sobre mim uma grande cara vermelha, sar-dônica e de barba loira em colar. Também tenho a vaga idéia de uma cara negra de olhos

brilhamtíssimos, que se inclinou para meu rosto como num exame — e fiquei convencido de que isso não passava de um pesadelo, até o momento em que revi essa cara.

O Homem que não estava indo para parte nenhuma

A CABINA em que voltei a mim era pequena e mal arrumada. Um moço de cabelos loiros e bigodes cerdosos como de palha e beijo inferior caído estava sentado ao meu lado, com a mão no meu pulso. Por um minuto olhamo-nos sem murmurar palavra. Seus olhos eram cinzentos e úmidos, mas vazios de expressão.

Depois veio de cima um som de cama de ferro sacudida e o rosnido de algum grande animal colérico. Justamente nesse instante o homem ao meu lado repetiu uma pergunta já feita:

— Como está se sentindo agora?

Creio que respondi estar muito bem. Eu não podia entender como me achava ali, e minhas dúvidas devem ter-se estampado em meu rosto porque o homem deu a explicação requerida.

— O senhor foi salvo de um bote desarvorado, apanhado a morrer de fome. O nome do navio a que pertencia o bote era “Lady Vain”.

Ouvi isso e olhei para uma das minhas mãos, magra, chupada como bolsa encardida de couro com uns ossos dentro, e então toda a tragédia do naufrágio desenhose nítida em minha memória.

— Tome um gole disto — disse o homem, e deu-me uma dose de um líquido escarlate, gelado.

Tinha gosto de sangue, mas reconfortou-me.

— O senhor teve sorte — continuou ele — de ser apanhado por uma escuna que tem um médico a bordo — e sua voz me soou como babada e ciciosa.

— Que navio é este? — perguntei lentamente, com a voz ainda incerta e áspera em conseqüência do longo silêncio.

— Uma escuna mercante que passou por Arica e Calao. Nunca indaguei de onde ela vinha. Da terra dos que nascem loucos, com certeza. Sou um passageiro embarcado em Arica. O estúpido animal que dirige a escuna, capitão Davis, perdeu seus certificados, ou o que seja. O senhor conhece essa espécie de gente. O nome da escuna é “Ipecacuanha”, o mais estúpido de todos os malditos nomes do inferno, pois quando há mar grosso não existe nome mais adequado para a caranguejola.

O barulho lá em cima fez-se ouvir de novo, seguido do rosar que eu já ouvira, desta vez de mistura a uma voz humana. Depois outra voz aconselhando alguém a desistir.

— Encontrei-o quase morto — prosseguiu o meu assistente. — Estava praticamente morto, mas dei-lhe a beber umas coisas que fizeram a vida voltar. Não sente alguma dor nos braços? Injeções. Esteve insensibilizado durante umas trinta horas.

Minha cabeça pensava com lentidão. Latidos de cães distraíram-me.

— Já estou em condição de comer algo sólido? — perguntei.

— Graças a mim — respondeu ele. — Vamos ter hoje ensopado de carneiro.

— Ótimo que eu possa comer isso — murmurei.

O meu interlocutor hesitou uns momentos; depois disse:

— Estou ardendo de curiosidade. Queria saber como o senhor foi parar sozinho naquele bote.

Percebi uns laivos de receio em seus olhos.